

DISTORÇÕES SUBVERSIVAS NO MOVIMENTO PUNK ROCK BRASILEIRO¹

Alessandro Dozena²

BARROS, Rodrigo Lopes de. *Distortion and Subversion Punk Rock Music and the Protests for Free Public Transportation in Brazil (1996–2011)*. Liverpool: Liverpool University Press, 2022. 360p. Disponível em: <<https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/58567>>. ISBN 978-1-80085-614-1

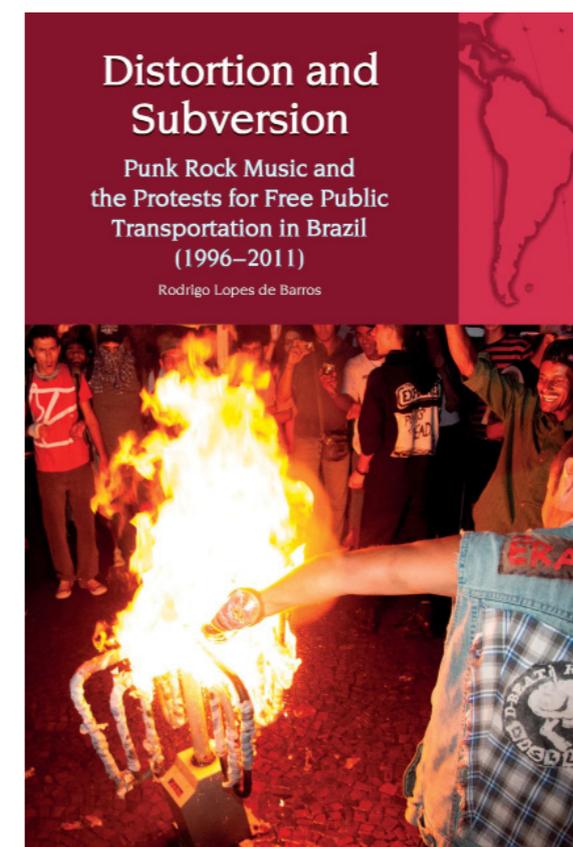
As cidades são, por essência, movimento. Mesmo que em alguns casos isso não seja perceptível visualmente, em seus poros pulsam desejos de mudança, normalmente expressos pelo ímpeto das juventudes. No caso brasileiro, esses jovens vêm agitando as estruturas há tempos, em cidades de regiões e cenas musicais

¹ Uma versão em inglês dessa resenha foi publicada no *Journal of Latin American Geography* (v. 22, n. 2, 2023). Agradecemos ao editor, Jörn Seemann, a autorização para a publicação dessa versão em português.

✉ Avenida Senador Salgado Filho, 3000, BR 101 km 92, Lagoa Nova, Natal, RN. 59078970.

² Professor Associado do Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN. sandozena@gmail.com.

✉ Avenida Senador Salgado Filho, 3000, BR 101 km 92, Lagoa Nova, Natal, RN. 59078970.



distintas e que, embora guardem particularidades, envolvem as mesmas dimensões contestatórias e a elaboração de novos modos de se fazer política, no sentido da busca do direito à cidade.

Como um importante elemento de convergência, temos o deslocamento desses jovens pelas cidades, sobretudo em consequência do trabalho ou das atividades de lazer, a exemplo da prática do *skate*. Ao longo das décadas, ainda que alguns dispusessem de automóveis privados, a imensa maioria dependia do transporte público para a realização dessas ações.

E são exatamente os protestos pelo transporte livre de taxas, e a participação do movimento *punk/hardcore* entre 1996 e 2011, o foco do livro. Segundo o autor, com a chegada da internet ao Brasil em 1995, houve a consolidação de movimentos como o Passe Livre, além da criação do Centro de Mídia Independente em 2000, em decorrência do elevado grau de mobilização que este recurso ofereceu, mediante uma via de comunicação independente. Barros afirma:

This connection was helped by the new digital tools created by the early commercial Internet: IRC, ICQ, Orkut, and others. The use of the Internet was furthermore essential to the creation of media outlets such as Brazil's chapter of the Independent Media Center (known as CMI), which would escape the control of monopolies in existence in the country and which was used by the Free Fare Movement and present and former (hardcore) punks as their news channel and historical archive (p. 24).

A horizontalidade demarca essa comunicação, realizada por meio de frestas, em apropriações múltiplas das ruas, transformadas em ruas de encontros, ou em ruas de passagem. Tratam-se de culturas de contra-ataque, em que as cidades emergem como um “organismo vivo” alicerçado em um projeto de estado brasileiro estruturado em “muros”. A leitura do livro torna evidente o fato de que o movimento *punk/hardcore* sempre atuou nas frestas do sistema, naquilo que não é institucional, e não pode ser institucional, até pelo fato dos canais institucionais estarem fechados para isso.

Nesse contexto, o *punk/hardcore* operou intensamente nas mobilizações de rua no início dos anos 2000. As campanhas pelo passe livre no transporte público tiveram como estopim a Revolta do Buzu, sucedida em Salvador no ano de 2003, e a Revolta da Catraca, ocorrida em Florianópolis em 2004 e 2005, ambas provocadas pelas mudanças no sistema de transportes públicos. Além disso, o Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre, com sua palavra de ordem “Um Outro Mundo é Possível”, a partir de 2001, sedimentou as iniciativas no sentido das reivindicações pelo passe livre. Posteriormente, aconteceram as importantes e catárticas manifestações de 2013, que tiveram como motivo inicial a contrariedade ao aumento das tarifas de ônibus na cidade de São Paulo.

O movimento *punk/hardcore* brasileiro se estruturou na fase pós-ditatorial (após 1985), despindo a dimensão perversa das grandes cidades, presente por exemplo nas precárias condições de deslocamento de jovens entre as periferias e os centros urbanos. Esse movimento foi deixado de lado por outras expressões musicais, como escreve o autor:

Anti-nationalist sentiment was so strong in early punks from the end of the 1970s and the beginning of the 1980s that they had no problem being extremely critical of, and even abominating, Brazilian Popular Music (MPB). In this respect, punk music inaugurates a new chapter in the tradition of that country's protest songs in particular and Brazilian music in general. Such a chapter, however, seems to be many times forgotten due to the predominance of other genres in the musical history of Brazil. MPB, Tropicalia, *samba*, and *bossa nova* often take the front of the stage, whereas more apparently underground musical manifestations stay precisely under the surface of public knowledge (p.11).

[...] the punk movement had to emerge to finally establish a robust bridge between counterculture and radical politic (Ortellado *apud* Barros, p.13).

Segundo o autor, o *punk/hardcore* brasileiro já nasceu politizado, em parte em decorrência da cultura operária e das greves promovidas na região metropolitana de São Paulo, fomentadas pelos metalúrgicos das montadoras automotivas na década de 1970 e 1980. Nesse processo, foram evidentes as influências do Anarquismo, do Trotskismo, do Situacionismo e do Autonomismo, com variações notadas nos contextos espaciais específicos.

Essa dimensão operou em lógicas não-normativas, em micro-territorializações inusitadas, nas quais as culturas de frestas construíram modos peculiares de estar nas cidades, acompanhados de múltiplas maneiras de se ocupar as ruas. As ruas também são os espaços do invisível, das ações nas frestas, das outras lógicas não normatizadoras. E a cultura *punk/hardcore* historicamente operou no tensionar da individualização nas cidades, uma individualização social imersa no projeto de modernidade, no qual o ser coletivo vai sendo enfraquecido.

Como cenários urbanos e musicais, o livro examina os casos das cidades de Salvador, Florianópolis, São Paulo e Belo Horizonte, com horizontes contestatórios e de lutas iniciados no final da década de 1990, que giraram em torno da busca pelo passe livre e ganharam força com os movimentos anti-globalização (muito relacionados a contra-cultura do *punk/hardcore*).

As reivindicações pelo passe livre e contrárias às dificuldades de locomoção nas cidades, propiciaram a territorialização da crítica ao processo de globalização, via reivindicação pela solução dos problemas locais. O livro escrito por Rodrigo Lopes de Barros instiga os leitores a refletirem sobre não só o *punk/hardcore* enquanto um

gênero musical vivenciado nas quatro cidades esquadrinhadas, mas enquanto um gênero de vida, que no caso brasileiro, foi responsável por uma mudança paradigmática nas contestações referentes ao transporte público.

Uma das interessantes dimensões reflexivas presentes no livro é a carnavalização dos protestos, mediante a organização do evento “Carnaval Revolução”, entre 2002 e 2008:

There is a chain of events here. The US militant Greyg from the Infernal Noise Brigade, arriving in Brazil to learn about *samba* and carnival, would teach Brazilians about how to form an itinerant political percussion band. That experience would eventually help in the creation of *Batukação*, which provided the soundtrack to both Brazilian anti-globalization protests and *Carnaval Revolucao* in the early 2000s. In fact, Frederico Freitas, who participated in Brazil in the workshop given by Greyg, confirmed that in the 2001 A20 protest the people in the *batucada* were mainly from the hardcore music scene of Sao Paulo. After the end of *Batukação* in 2004, some of its physical remains and accumulated intellectual experience would be appropriated by the Free Fare Movement of Sao Paulo to craft their own *batucada* the following year. One episode leads to another in a notable fashion (p. 202).

Anyhow, after the description of such suggestive connections between local and international anti-capitalist struggle, between carnivalized tactics that travel from one country to the other, it is possible now to take a step further and see how the carnivalization of protest played a significant role in the struggle for free public transportation (p. 203).

Não sendo exclusividade do movimento *punk/hardcore* brasileiro, as contestações igualmente envolveram historicamente outros gêneros musicais, a exemplo do *rap*, bem como outros coletivos, partidos políticos e movimentos sociais. Mas, no caso do *punk/hardcore*, houve historicamente um diálogo com a urbanidade e seus problemas decorrentes das contradições intrínsecas ao sistema capitalista.

Como um grito dos excluídos, o *punk/hardcore* protestou em desacordo com as contradições do processo de globalização. Nesse sentido, o livro levanta uma pluralidade de eventos e de bandas que tocaram nesses eventos, instigadas pelo Movimento Passe Livre e pelo Centro de Mídia Independente. Ambas as iniciativas adquiriram uma significativa “capilarização social”, em nível federal, o que impulsionou os acontecimentos no Brasil durante o período relatado.

Metodologicamente, vale ressaltar o mérito da realização de entrevistas e outros procedimentos, os quais ampliaram a possibilidade de conexão entre os fatos apresentados:

I used methods of archival exploration, cyberarchaeology of websites, consultation and interviews with historical actors and specialists, and review of the scholarly literature, interviews previously published by third parties, alternative and self-publications, films, and music productions (p. 1).

Essa proposta metodológica permitiu a configuração histórica do movimento *punk/hardcore* no Brasil, a partir da mobilização de seus agentes, revelando elementos da geograficidade dos que vivem o *punk/hardcore*. Para estes, as deambulações e o estado de deriva na cidade sempre foram fundamentais. Isso é narrado por fatos históricos, sobretudo suscitados pelos depoimentos dos entrevistados.

Há o interessante uso de letras de composições musicais, e arquivos de jornais publicados entre 1996 e 2011, o que ilustra bem aos leitores (as) as realidades vivenciadas pelos integrantes do universo *punk/hardcore*, em seu modo de ser-com e na cidade. O livro tem um tom historiográfico, e crônico em alguns momentos.

O autor realizou um mergulho rigoroso nas experiências contestatórias do *punk/hardcore* no período em tela. Tais experiências fornecem um manancial para pensarmos em conceitos capazes de defini-las, estabelecendo uma linha teórica e conceitual que dialoga com os próprios eventos, a exemplo da possibilidade de pensar o corpo como um operador espacial nas manifestações analisadas no livro. Os leitores (as) perceberão que a cultura *punk/hardcore* precisou criar mecanismos de ocupação dos espaços de múltiplas maneiras, por meio de práticas que não operam na normatividade.

No âmbito cultural, o livro sugere que a experiência nas cidades brasileiras é uma experiência de “emparedamento institucional”, na qual há um projeto institucional excludente, elitista e oligárquico, que se fundamenta nos privilégios de uma minoria nessas cidades. Mas, por outro lado, há uma gama de pessoas nas ruas, que precisam criar “estratégias de fresta”, para garantir seus direitos mínimos.

As ruas têm uma funcionalidade, mas podem ser transformadas em lugares quando as apropriações são realizadas por apresentações de bandas de *punk/hardcore*. Nessas ocasiões, as ruas são “punkerizadas” pelas performances, pelos hábitos, pelas subversões, pelas musicalidades e pelos modos de ser no espaço. Tudo isso transforma os territórios funcionais das ruas em lugares (e aqui as artes nas cidades surgem como potência, como válvulas de escape, como ludicidade cotidiana na e com a cidade).

Para os moradores das periferias das cidades brasileiras, que vivem em “quebradas” ou em “favelas”, é muito comum que a rua seja a extensão da casa, até porque as casas se revelam como espaços pequenos geralmente habitados por muitos moradores). Ou seja, mora-se na casa e na rua, e o ir às ruas também se torna uma questão de

sobrevivência, a exemplo do trabalho como entregadores de aplicativos exercidos por muitos jovens adeptos do *punk/hardcore*.

O livro ilumina a compreensão da realidade brasileira contemporânea em suas distintas cenas musicais, jogando luz aos seus desafios e contradições, ainda não superadas. Esse entendimento, manifesta outras dimensões além das turísticas e patrimoniais nas quatro cidades expostas: Salvador, Belo Horizonte, São Paulo e Florianópolis. Sua tese serve de munição para a o combate às injustiças nas cidades, postas pelas disputas múltiplas, que também se reverberam nas desiguais condições de locomoção. Urbanidades sem disputas, são urbanidades sem vida. E o livro demonstra que há disputas o tempo todo, e que as manifestações contestatórias são reveladoras e fazem parte de nossa experiência cotidiana. ○